



O Homem Macaco

por Eron Falbo



O Pai

Era uma vez, nas profundezas de uma floresta distante onde as árvores eram velhas e enrugadas e os riachos cantavam canções que deixavam você calmo e sonhador, um pai caminhava com seus dois filhos, Nathan e Esther. O ar estava denso com o cheiro de pinho e terra, vivo com o suave farfalhar das folhas e os distantes chamados dos pássaros, fazendo com que parecesse entrar nos segredos mais profundos conhecidos pelo homem. Cada passo que o pai e seus filhos davam parecia levá-los para mais longe da civilização e dos confortos do lar. No entanto, a cada passo, a floresta revelava uma nova camada de significado e uma aventura mais ousada. As crianças estavam assustadas, naturalmente, mas ainda mais animadas!

O caminho que eles seguiram era estreito e sinuoso, cortando as árvores grossas cujos galhos formavam um dossel acima, filtrando a luz do sol poente em uma pintura deslumbrante no chão da floresta. Seus passos estalavam nas folhas douradas do outono, e o chão macio e musgoso amortecia seus passos. O ar era fresco e revigorante, carregando o aroma tênue de flores silvestres e madeira úmida.

Enquanto caminhavam lentamente pela trilha, as crianças se maravilhavam com as vistas e sons ao redor delas. Elas notaram as delicadas samambaias se abrindo na base de carvalhos antigos e os esquilos brincalhões correndo pelo mato. Os olhos de Nathan brilharam de excitação enquanto ele puxava a mão do pai. “Uau, Daddy, encontramos a casa de alguém! Incrível! Quem viveria em um lugar assim? Estamos caminhando há horas!”



A Casa

Eles chegaram às ruínas de uma cabana abandonada, que parecia ter sido queimada. A madeira restante estava desgastada e coberta de musgo, enegrecida em lugares onde o fogo a havia lambido, mas continha um encanto misterioso que cativou as crianças. O telhado havia desabado, e os restos de vigas carbonizadas se projetavam como dedos esqueléticos, mas o local parecia ansiar por contar sua história.

O pai se ajoelhou, ficando na altura dos olhos deles, e sorriu calorosamente. “Esta,” ele disse, sua voz cheia de uma mistura de doçura e cautela, “costumava ser a casa do Homem-Macaco.”

Os olhos de Nathan e Esther se arregalaram de curiosidade. “O Homem-Macaco!?” eles perguntaram animadamente, suas vozes se sobrepondo. “Quem era o Homem-Macaco, Daddy?” Nathan acrescentou, apertando a mão do pai com mais força.

O pai olhou para a cabana e depois de volta para seus filhos, sua expressão suavizando ao ver seus rostos ansiosos. “Sentem-se, meus pequenos aventureiros, e eu lhes contarei a história do Homem-Macaco”, ele disse, guiando-os até um tronco coberto de musgo próximo. Ele envolveu um braço em volta de cada criança, puxando-as para perto enquanto se acomodavam para ouvir.



A Cidade

O pai começou a história: “Uma vez, na cidade mais próxima daqui, que fica a quilômetros de distância, vivia um homem solitário, que era diferente de todos ao seu redor. O homem solitário amava ler livros e entender todos os tipos de conhecimento. Ele lia sobre as aventuras de outros em terras distantes, sobre as invenções de grandes gênios e as habilidades de guerreiros disciplinados. Quanto mais ele lia, mais distante ele ficava das pessoas ao seu redor, que estavam mais interessadas em coisas mais simples e práticas.”

Nathan interrompeu: “Daddy, por que ele não tentou fazer amigos?”

O pai sorriu gentilmente para a pergunta de Nathan. “Ele tentou, Honey. Mas as pessoas não conseguiam entendê-lo, e ele não conseguia entender as pessoas. As pessoas queriam falar sobre as coisas que faziam e sabiam fazer, mas o homem solitário não sabia fazer nada. Ele só lia sobre o que os outros podiam fazer. Então, ele se tornou cada vez mais solitário e triste.”

Esther se inclinou para mais perto, “Isso é tão triste, Daddy. Ele já fez algum amigo?”

O pai balançou a cabeça lentamente. “Não, Bunny. Ele sentia que ninguém conseguia entendê-lo, e não era convidado para nenhuma reunião social. E ele também não fazia nenhum esforço, porque preferia ficar sozinho. No entanto... ele não estava sozinho o suficiente!”



A Vila

As crianças pareciam confusas. “O que você quer dizer com não estar sozinho o suficiente?” Nathan perguntou.

O pai riu baixinho. “Bem, vamos continuar a história e descobrir”, ele disse, dando tapinhas em suas cabeças gentilmente. “Ele sentiu que precisava ficar mais sozinho! Quanto mais o homem solitário se distanciava, mais ele se convencia de que era melhor ficar totalmente sozinho. Ele pensou: ‘Se eu não consigo me encaixar com essas pessoas, talvez eu não precise delas de jeito nenhum.’ Então ele decidiu que viveria longe de sua família e de qualquer pessoa que o conhecesse.”

Esther franziu a testa. “Mas ele não sentia falta da família?”

“Ele pensou que não sentiria”, respondeu o pai. “Ele se mudou para uma pequena vila onde ninguém sabia seu nome. Quanto mais tempo ele passava sozinho, mais paranoico ele ficava, nervoso, com medo. Ele desconfiava dos outros e tinha medo por sua segurança e bem-estar. Ele continuou lendo seus livros, evitando falar com qualquer pessoa, acreditando que as pessoas eram apenas problemas e dor.”

Os olhos de Nathan se estreitaram. “Então ele não teria ninguém com quem conversar?”

O pai assentiu. “Sim, Natty. Ele só falava com as pessoas se precisasse, como o eletricitista instalando luzes, ou o encanador consertando canos. Ele dizia: ‘Sim, sim, sim, rápido, por favor.’ Ele comprava comida no mercado, e ninguém ousava conversar com o homem que claramente não gostava mais das pessoas. Quanto mais solitário ele ficava, mais ele se convencia de que era melhor do que os outros, e que os outros eram corruptos, tolos e perigosos. No entanto... ele não estava sozinho o suficiente!”



A Floresta

As crianças sorriram, percebendo como a história estava se desenrolando.

O pai continuou: “O homem solitário ficou irritado por ter que ter até mesmo a menor conversa com as pessoas da cidade. Ele decidiu que viveria sozinho na floresta. Ele leu sobre ascetas indianos e grandes eremitas antigos que viviam em reclusão. Ele devorou conhecimento sobre a arte da construção, como armazenar água, conservar alimentos e usar velas para iluminação.”

“Então, ele construiu uma casinha de madeira no meio da floresta”, continuou o pai, “Ele usou suas novas habilidades para criar uma casa pequena, mas resistente, entre as árvores. Ele estava orgulhoso de seu trabalho, sentindo uma sensação de realização que nunca havia conhecido antes. Ele se mudou para lá e decidiu que só viria à cidade uma vez por mês para comprar as necessidades básicas: comida, cera de vela e tudo o mais que precisasse.”

As crianças ouviram atentamente, imaginando o homem solitário em sua casinha isolada. “Mesmo assim...” o pai começou,

“...ele não estava sozinho o suficiente!” Nathan exclamou, lembrando-se do refrão do início da história. As crianças sorriram, percebendo como a história estava se desenrolando.



O Eremita

“Sim, Natty, muito bem!” O pai continuou, “O homem solitário lia livros sobre cultivar sua própria comida, fazer cera a partir da criação de abelhas e criar animais como os nômades das estepes do Oriente Médio. Ele pegava água do rio próximo e aprendeu muitas habilidades novas, então ele podia ficar sozinho, quase nunca tendo que suportar nem mesmo conversas simples. Ele só tinha que ir à cidade no inverno, quando suas plantações não cresciam, para comprar comida e roupas para a estação fria. Ele se tornou bastante adepto de viver da terra, orgulhoso de sua crescente independência.”

O rosto de Esther se iluminou de espanto: “Então ele realmente fazia tudo sozinho, Daddy?”

“Sim, Bunny”, respondeu o pai. “Ele construiu suas próprias colmeias, cuidou de seu jardim e até aprendeu a fazer velas com cera de abelha. Ele buscava água no rio todas as manhãs, seus músculos ficando mais fortes a cada dia que passava. Ele caçava e forrageava para obter comida, dominando as habilidades sobre as quais havia lido em seus livros. No entanto... ele não estava sozinho o suficiente!”



O Mago

As crianças, agora totalmente imersas na história, se aproximaram, ansiosas para ouvir o que viria a seguir.

O pai respirou fundo e continuou: “Ele não estava contente apenas em sobreviver; ele queria dominar seu ambiente completamente. Então, ele começou a estudar a sabedoria de culturas antigas e os segredos do mundo natural. Ele leu sobre como os nativos armazenavam alimentos e os preservavam durante as estações mais adversas. Ele aprendeu as técnicas de caça de tribos africanas, a precisão e a paciência do arco e flecha zen japonês e a arte de criar ferramentas a partir de materiais simples. Todos os dias, ele praticava autodisciplina, treinando seu corpo e mente para suportar e prosperar na solidão.”

Nathan franziu a testa em pensamento. “Se ele estava sozinho, o que ele fazia se se machucasse ou ficasse doente?”

O pai sorriu para a pergunta de Nathan. “Essa é uma boa observação, Nathan. Ele sabia que tinha que confiar em si mesmo para tudo, incluindo a cura. Então, ele estudou as propriedades medicinais de ervas e plantas, aprendendo quais poderiam curar uma febre ou aliviar uma ferida. Ele criou pomadas e cataplasmas com a generosidade da terra, curando-se quando adoecia. Ele não precisava mais da aldeia para comida ou remédios. Toda semana, ele orgulhosamente caçava e armazenava suas provisões, preservando-as com sal sob a terra. Ele pescava nos riachos próximos, suas habilidades aprimoradas à perfeição, e tudo o que ele comia era fresco, colhido ou feito por suas próprias mãos.”

Os olhos de Esther brilharam de admiração. “Ele deve ter se sentido tão poderoso!”

O pai sorriu calorosamente, sua expressão refletindo a profundidade da história. “Sim, Esther, ele se sentia cada vez mais! Ele se sentia mais realizado e independente do que nunca, como alguém que havia desvendado os segredos do mundo. Ele não podia confiar em ninguém além de si mesmo, dominando os elementos naturais e sua própria mente. No entanto... ele não estava sozinho o suficiente!”



O Guerreiro

Esther inclinou a cabeça em confusão. “Mas ele já estava fazendo tudo sozinho. O que mais ele poderia fazer?”

O pai sorriu gentilmente. “Boa pergunta, Bunny. O homem solitário decidiu forçar seus limites ainda mais, acreditando que a verdadeira liberdade significava confiar somente em suas próprias mãos e inteligência. Ele pensou: ‘Se eu puder me tornar totalmente autossuficiente, serei verdadeiramente livre.’ Então ele leu livros sobre os monges Shaolin da China e como eles podiam fazer suas mãos se tornarem armas. Ele estudou como aquecer seu próprio corpo através dos ensinamentos dos alquimistas herméticos”

Nathan se inclinou para frente, quase prendendo a respiração. “Ele queria se tornar tão forte quanto um ninja e tão sábio quanto um mago!?”

“Sim, exatamente!” respondeu o pai. “Ele passava cada vez mais tempo longe de sua casinha, frequentemente dormindo sob o céu aberto, até mesmo no topo das árvores. Ele praticava se mover silenciosamente pela floresta, se misturando às sombras e confiando apenas em seus instintos. Ele apreciava a ideia de que era o único homem verdadeiramente livre no mundo e na história e, portanto, a única pessoa que importava.”

Esther abraçou os joelhos contra o peito, uma expressão pensativa cruzando seu rosto. “Mas ele não estava assustado, Daddy?”

O pai sorriu suavemente. “Sim, um pouquinho, no começo. Mas ele passou a amar a solidão e o desafio de sobreviver inteiramente sozinho. Ele se sentia invencível, acreditando que não precisava de ninguém e nada além do que podia fazer com suas próprias mãos. Ele se tornou tão sintonizado com a natureza que conseguia sentir o menor movimento no mato, ouvir o mais suave sussurro do vento e até enxergar à noite. Ele se sentia tão livre! No entanto... ele não estava sozinho o suficiente!”



O Tolo

A voz do pai ficou mais séria enquanto ele continuava a história, e as crianças se aproximaram, cativadas pela intensidade da história. “O homem solitário olhou ao redor de sua casinha, seus olhos varrendo as máquinas, ferramentas, jarras e tudo o que ele havia criado com suas próprias mãos. Mas quanto mais ele olhava, mais ele percebia que sem o conhecimento que ele havia adquirido dos livros, nada disso teria sido possível. Era como se cada livro tivesse deixado uma presença invisível de alguém em sua mente, guiando-o a cada passo.

Nathan franziu a testa. “Mas isso não foi uma coisa boa, Daddy? Ele aprendeu tanto!”

O pai assentiu lentamente. “Sim, Nathan, mas para o homem solitário, parecia uma traição. Ele pensava que era completamente independente, mas percebeu que ainda dependia do conhecimento dos outros. Essa percepção o enfureceu. Ele sentiu que tinha se enganado ao pensar que era livre.”

Esther cobriu a boca em choque. “O que ele fez, Daddy?”

A expressão do pai ficou séria. “Em uma loucura de raiva, ele jogou tudo o que tinha — todos os seus livros e tudo o que havia feito com eles — pra dentro da casinha e botou fogo em tudo! Ele observou as chamas consumindo seus pertences, sentindo uma estranha euforia enquanto sua última conexão com a humanidade desaparecia com as cinzas crescentes. O fogo rugiu, iluminando a floresta escura, lançando sombras assustadoras nas árvores.

As crianças ficaram boquiabertas, suas imaginações preenchidas com a imagem da cena intensa.

“Ele ficou ali, observando tudo queimar, enquanto a chuva começava a cair”, continuou o pai. “Uma calmaria encheu o ar. Todas as suas conexões com o passado tinham queimado, e até as cinzas estavam sendo lavadas. Ele arrancou suas roupas, e enquanto a chuva encharcava sua pele, ele se sentiu verdadeiramente livre pela primeira vez. Não havia ninguém ao seu lado, ninguém ao seu redor por quilômetros, e ninguém em sua cabeça enchendo sua mente com palavras do passado e do futuro. Ele existia apenas no momento presente, sentindo-se ao mesmo tempo exultante e vazio. “No entanto...”

As crianças cantaram em uníssono: “... ele não estava sozinho o suficiente!”

O pai balançou a cabeça, com uma pitada de tristeza nos olhos. “Não, meus pequenos aventureiros. No entanto... Ele estava finalmente sozinho.”



O Homem Macaco

A voz do pai assumiu um tom mais escuro e intenso, puxando as crianças para mais fundo na história. “As brasas do fogo mal tinham esfriado quando o homem começou a sentir o chamado cru da natureza. Ele se movia pela floresta como uma sombra, seus sentidos se aguçando a cada passo. O susurro das folhas não eram mais apenas sons; eram sinais, dizendo a ele sobre a aproximação cautelosa de um cervo ou a corrida repentina de um coelho através do mato. Seus olhos, antes embotados pelos confortos da civilização, agora perfuravam a noite, captando os movimentos mais tênues no escuro.

Ele não andava mais — ele espreitava. Seus pés, endurecidos pela terra, não faziam barulho enquanto ele se movia rapidamente sobre pedras e raízes. Os músculos em seu corpo ficaram magros e poderosos, cada um deles uma mola enrolada pronta para atacar. Ele começou a caçar com as próprias mãos, sentindo a emoção da perseguição, a satisfação primal de cravar os dentes em carne fresca, ainda quente de vida.

Os olhos de Nathan se arregalaram, uma mistura de medo e admiração brilhando neles. “Ele realmente se tornou como um animal, não é, Daddy?”

O pai assentiu, sua voz baixa. “Sim, Nathan. O homem não estava apenas sobrevivendo; ele estava se tornando algo mais primitivo, algo mais perigoso. Seu cabelo cresceu longo e emaranhado, sua barba espessa e selvagem, misturando-o às sombras da floresta. Seus pensamentos não eram mais palavras, mas instintos — afiados, imediatos e implacáveis. A floresta se tornou seu mundo, e ele a dominou com uma graça e ferocidade que o tornaram mais animal do que homem.

Esther estremeceu levemente, sua voz mal passava de um sussurro. “Ele era como uma fera...”

O pai continuou, seu tom refletindo a gravidade da transformação. “Sim, Esther. Ele se tornou o Homem-Macaco — uma criatura que havia se livrado das armadilhas da humanidade. Ele se movia com uma precisão silenciosa e letal, seus olhos sempre escaneando, seus ouvidos sempre alerta. O homem que antes vivia pelo conhecimento dos outros agora vivia pela lei da natureza, e nessa lei, ele encontrou um novo tipo de liberdade — uma liberdade que era crua, indomável e poderosa.”



O Único

A voz do pai se acalmou, rica em reflexão. “Mesmo com todo o poder e selvageria que ele havia conquistado, o Homem-Macaco sentiu que havia mais além que ele ainda não havia tocado. Um dia, enquanto vagava profundamente na floresta, ele encontrou uma árvore imponente, suas raízes antigas se espalhando sob a terra como veias da própria vida. Ele colocou a mão na casca áspera, sentindo o pulso constante da força vital da árvore, como se a própria árvore estivesse respirando com ele. Ele fechou os olhos e escutou — não apenas com os ouvidos, mas com todo o seu ser. O barulhinho das folhas se tornou um sussurro de segredos compartilhados entre velhos amigos, o zumbido dos insetos um coro de vida cantando em harmonia, e o chamado distante de um pássaro uma nota de desejo que ressoou dentro de sua alma.

Naquela quietude, algo profundo se agitava dentro dele. Ele não era apenas uma figura solitária se movendo pela natureza; ele era a floresta, a terra e o céu. Cada folha, cada rajada de vento, cada gota de chuva era uma parte dele, e ele era uma parte delas. Ele estava conectado a todas as coisas, não como um ser separado, mas como o batimento cardíaco vivo do próprio mundo. E nessa conexão, ele percebeu algo extraordinário: porque ele era um com tudo, ele também era o único — Ele sentia que era a única pessoa verdadeiramente viva.

Nathan estava inquieto de admiração, o Homem-Macaco se tornando um herói aos seus olhos. "Incrível!"

Os olhos de Esther se arregalaram, sua voz suave com admiração. “Ele não precisava de mais ninguém, precisava, Daddy?”

O pai balançou a cabeça gentilmente, um sorriso sereno no rosto. “Não, Esther. Ele percebeu que estar conectado a todas as coisas o tornava o único que podia realmente entender o mundo. Naquele momento, ele encontrou uma paz que não vinha do isolamento, mas da profunda conexão com tudo ao seu redor. Ele era a única pessoa no mundo, mas nunca estava realmente sozinho. E isso o tornava tudo.”



O Amante

A voz do pai suavizou, atraindo as crianças ainda mais para dentro da história. “Mas um dia, enquanto o Homem-Macaco vagava pela floresta em seu estado animal, ele a viu. Uma jovem mulher, linda, aberta e bondosa, colhendo flores perto de um riacho. A visão dela despertou algo profundo dentro dele — um sentimento que ele nunca havia conhecido. Seu coração disparou e o calor se espalhou por ele. Pela primeira vez, ele sentiu amor.” O rosto de Esther se iluminou com admiração. “E aí, Daddy, ela virou namorada dele?”

O pai sorriu gentilmente. “Esse amor inspirou no Homem-Macaco um desejo de entender, de ser melhor. Ele queria estar com ela, protegê-la. Ele não queria assustá-la, então ele se banhou no rio, raspou sua barba emaranhada e se vestiu com roupas que ele tinha feito. No começo, ele era tímido e inseguro, mas a alegria e o calor dela lhe deram coragem. Ele encontrou sua voz novamente, mais suave e gentil do que nunca.” Nathan se inclinou, cativado. “Ela falou com ele?”

“Sim, Nathan”, respondeu o pai. “Ela falou com ele, e ele ouviu. Até os assuntos mais triviais que saíam da boca dela pareciam mais importantes do que qualquer um dos livros de filosofia que ele havia lido. A presença dela o encheu de um senso de propósito e pertencimento que ele nunca havia conhecido. E ela se apaixonou por ele, não por causa de sua força ou de sua selvageria, mas por causa de seu coração gentil e da bondade em seus olhos.”

Esther suspirou sonhadoramente. “Isso é tão lindo, Daddy!”



O Provedor

O pai assentiu, seus olhos refletindo o calor da história. “O Homem Macaco percebeu que agora podia falar não só com ela, mas com qualquer pessoa. Ele tinha aprendido muito, não com livros, mas com suas próprias experiências e seu amor por ela. Ele não temia mais a rejeição porque sabia como ficar completamente sozinho. Ele não temia mais os perigos da cidade porque era forte e capaz. Ele tinha algo a dar agora, e queria servir.”

Os olhos de Nathan estavam arregalados de admiração. “Ele era o melhor porque não precisava de nada de ninguém, não é!”

“Exatamente, Nathan”, o pai concordou. “Porque ele tinha aprendido a não precisar de ninguém, ele era o melhor dos provedores. Ele servia por amor, não por necessidade egoísta. Ele encontrava alegria em dar e proteger, e ele se tornou parte do mundo que ele antes evitava.”

As crianças ficaram encantadas com a história, e suas imaginações foram preenchidas com a imagem do Homem-Macaco transformado pelo amor e pela conexão.

Esther perguntou suavemente: “Daddy, então, o que aconteceu com o Homem Macaco?”

O pai se ajoelhou, colocando uma mão em cada um dos ombros deles. “Eu era o Homem Macaco”, ele disse gentilmente, “e agora, eu sou um pai.”

